

ENTRE OS ACÚMULOS DA HISTÓRIA: CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO



JÚLIA DOMÍNGUEZ

*Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de
Arquitetura da Universidade Federal da Bahia*

LEONARDO VIEIRA

*Arquiteto e Urbanista, mestrando pelo Programa de Pós
Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal da Bahia. Membro do Laboratório Urbano*

NATHAN BASTOS - ABASTOS

*Graduando em Arquiteta e Urbanista
pela Faculdade de Arquitetura da
Universidade Federal da Bahia*

RAFAELA LINO IZELI

*Arquiteta e Urbanista, doutoranda pelo Programa de Pós
Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal da Bahia. Membro do Laboratório Urbano*

*Geralmente, quando se expõe um arquivo, não se vê nada, um arquivo é algo
com o que trabalhar durante semanas, meses, anos, é longo.*

Didi-Huberman (2010, tradução nossa)

*O objetivo do atlas é fazer entender o nexos, que não é um nexos baseado no
similar, mas na conexão secreta entre duas imagens diferentes. Por isso o atlas
é uma ferramenta muito mais visual do que pode ser qualquer arquivo. Atlas é
um trabalho de montagem em que se unem tempos distintos. É um choque.*

Didi-Huberman (2010, tradução nossa)

*A consideração do anacronismo como possibilidade de compreensão temporal
faz parte de um modo de pensar impuro, em movimento aparentemente caótico
- ou de fato caótico, se pensarmos o caos simplesmente como uma forma de
organização mais complexa - em que se podem perceber os diferentes tempos,
como em sonhos ou memórias involuntárias.*

Paola Berenstein Jacques (2020, p. 383)

Tudo que é imaginado, tem. Existe. É.

Sabia que tudo que é imaginado existe e é e tem?

Estamira (2006)

Colocar em choque diferentes temporalidades e movimentar a linearidade cronológica dos acontecimentos pode ser visto como “o diabo da história”, assim como nos lembra Jacques (2020, p. 383) referenciando Didi-Huberman (2015). Na exposição de sua curadoria “*ATLAS cómo llevar el mundo a cuestras?*” (Madrri, 2010), o historiador da arte e professor defende que qualquer imagem interessante não pertence a um só tempo, mas carrega em si uma confrontação e uma coexistência de tempos distintos. Colocada lado a lado de outras imagens sobre uma mesa, a aproximação de fragmentos, em uma montagem ou um atlas, permite o surgimento de relações que fazem e refazem a história, ou em suas próprias palavras, um fazer em que “o passado nunca cessa de se reconfigurar” (Didi-Huberman, 2015, p. 16).

Trabalhar com a reconfiguração dos acontecimentos históricos dentro da pesquisa “Cronologia do Pensamento Urbanístico” é percorrer seus arquivos, colocá-los em choque e, do confronto, gerar novas possibilidades e conformações. A plataforma digital *cronologiadourbanismo.ufba.br*, principal ferramenta de publicização e divulgação dos nossos esforços, nos convida a encarar esta aventura¹. Completando 20 anos em 2023, o site que armazena todo nosso banco de dados é o ponto de partida para as novas pesquisas que selecionam e relacionam fatos relevantes, projetos, publicações ou eventos da história do pensamento urbanístico para serem trabalhados. A inserção de um novo dado (ou o que denominamos de verbete) no site, não é efetiva se não for estabelecida ao menos uma relação com o arquivo já pré-existente. Ou seja, o trabalho derivado ao longo de um processo extenso de pesquisa só se torna público ao passo que, dentro da “nebulosa” de verbetes existentes, um novo ponto é relacionado, uma instabilidade é gerada e uma nova configuração do todo é estabelecida. Trata-se, portanto, do movimento contínuo e aberto de agenciar conjuntos complexos de informações e fragmentos de pesquisa em percursos, derivas:

[...] [n]o tempo e [n]o texto por onde erra o historiador [...] como uma terra estranha. [...] Forma-se e desfaz-se em suas próprias camadas de éter. . . [...] transitória. São nuvens, conjunto de nuvens de sentidos que, no entanto, passam ou podem passar ao menor sopro ou são varridas pelas tempestades. São nebulosas que embora consolidadas e densas não escondem sua natureza etérea, desgarrada, solta, estrangeira, incapturável: longínquas, inalcançáveis (Pereira, 2013, p. 17-18).

Por entre os acúmulos da história combinados à falta ou à ausência das quais se desprende a memória, seria no meio termo, nos fios condutores, o lugar em que [aquilo que se pretende enquanto] o arquivo, se concebe. Escavar documentos de um evento, como exemplo na pesquisa desenvolvida na “Cronologia” sobre o Primeiro Congresso Brasileiro de Urbanismo – que aconteceu no Rio de Janeiro em 1941 e envolveu a produção de 34 teses acerca das questões urbanas da época

–, não diz respeito apenas ao evento em si. Situar arquivos em seus respectivos contextos históricos, deixando os conduítes abertos e fazendo-os dialogar com múltiplas temporalidades, pode nos proporcionar uma leitura tempestiva da historiografia, “fazendo chover”² a partir de suas relações e nos proporcionando processos atravessados pelo inesperado. Nesse sentido, “essa atitude evoca coisas etéreas para interpelar o que as sociedades construíram de mais material: suas cidades, suas instituições, as próprias práticas do campo do conhecimento.” (Pereira, 2018, p. 253)

Percorrer um arquivo é, portanto, perceber no etéreo das nuvens os sedimentos de materialidades [im]possíveis. Flávio de Carvalho (1899, Barra Mansa/RJ - 1973, Valinhos/SP), “arqueólogo mal comportado” em busca dos “resíduos do mundo”, uma coleção de restos abandonados, de memórias erráticas, do pensamento em movimento que “se transforma em história” (Carvalho, [1934] 2014, *apud* Jacques, 2021, p. 433) nos inquieta e provoca a pensar outras arqueologias, outras formas de pesquisa e trabalho sobre arquivos. Preocupado com a construção da América enquanto possibilidade de futuro e redenção de uma nova ordem e organização da vida humana, Flávio agenciou um arquivo complexo, aberto, experimental e analítico do comportamento dos “ossos do velho mundo”³. Nesse sentido, por mais que se trate de uma arqueologia, de um processo de escavação nos próprios escombros historiográficos – como ao qual se refere Flusser (1972) quando defende arqueologia enquanto a pesquisa do lixo, àquilo que perdeu seu valor como informação (Spricigo, 2015) –, o arquivo não deixa de ser vivo e tampouco deixa de ser atual[izável], uma vez que suas múltiplas combinações podem sempre gerar faíscas, lampejos ou mesmo irrupções no que tange a dimensão do *ser-estar-fazer* nas cidades.

LAMPEJOS

As cidades a mericanas não devem perder de vista, no desenvolvimento de seus planos, seu passado histórico, seu ambiente e seus costumes, a fim de poderem conservar caracteres próprios que as tornam mais evocativas, interessantes e distintas umas das outras. O estudo histórico deve ser uma das bases para a elaboração dos planos de melhoramento e extensão das cidades (Relatório, 1930, p. 26).

[...] apóstolo verdadeiramente convencido da doutrina que prega, o sr. Carvalho já está declarando guerra aos elementos supérfluos da indumentária: não usa chapéu e dizem que está começando a não usar mais meias. Aguardemos a próxima reunião do Congresso [...] para sabermos quais as peças do vestuário que já aboliu... com o consentimento da polícia dos costumes (Relatório, 1930, p. 22).

Ocorridos desde 1920, os primeiros⁴ Congressos Pan-americanos de Arquitetos (CPA) podem ser encarados como um movimento de debates sobre o lugar da América frente a Europa no entre guerras e de articulação institucional de circulação de saberes e especialistas da arquitetura e do urbanismo no continente americano no século XX. Apresentada pelo engenheiro civil e delegado antropófago Flávio de Carvalho durante o IV Congresso Pan-americano, realizado no Rio de Janeiro em 1930, “A cidade do homem nu” foi a proposta urbana de perspectivas analíticas que tensionaram o nacionalismo e o internacionalismo para uma cidade moderna antropofágica americana. Ela era composta por uma série de anéis concêntricos organizados por meio de funções e equipamentos dedicados à erótica, atividade fundamental ao homem nu.

Sediado na Escola Nacional de Belas Artes, o IV CPA, ainda que tenha sido o congresso que mais reuniu delegados dentre aqueles realizados entre 1920 e 1940 (Gutierrez,, Stagno, Tartarini, 2007, *apud* Novo, 2022, p. 39), foi a única edição a não publicar atas e trabalhos oficiais.

Dias antes, ele [Flávio de Carvalho], com Oswald de Andrade, já havia proposto oficialmente a demolição do Cristo Redentor que ainda nem terminado estava e, para arrematar, Flávio agora acrescentava a bombástica proposta de se dissolverem todas as escolas de arquitetura! Rumor ensurdecedor de protestos inconformados! Revolta geral! Indignados, os representantes da mesa, tomados de incontido ódio e irritação, propõem encerrar em definitivo a conturbada sessão (Toledo, 1994, p. 93).

258

Marcados pelas propostas antropofágicas para o novo urbanismo moderno americano, os documentos oficiais do IV CPA foram, desta forma, ignorados e dissolvidos pela comissão organizadora. De alguns fragmentos de relatos e notas em jornais e revistas especializados de diferentes países, sobretudo Argentina e Uruguai, o documento de autoria do engenheiro civil baiano Jayme Cunha da Gama e Abreu, representante do estado da Bahia enviado ao Rio de Janeiro em 1930, nos evidencia um detalhado - e possível - relatório dos debates e conclusões de cada tema do Congresso⁵.

Lançar hipóteses sobre os arquivos, percorrer caminhos e nos deparar com documentos dissolvidos ou com a falta de acesso a informações são partes recorrentes do processo de fazer pesquisa. Com frequência, encaramos fragmentos e procuramos construir e imaginar relações a partir de objetos singulares, pontas soltas e conexões tênues. Como trabalhar com estes fragmentos é um questionamento que perpassa o processo. É nesse sentido que a forma de pensar e fazer por “nebulosas” (Pereira, 2018) nos ajuda a manipular e tatear nossos objetos, permitindo construir relações desviantes e favorecendo o desenhar de um processo único a cada pesquisador que, ao mesmo tempo, dialoga de forma intrínseca com toda a produção coletiva.

De fato, como uma metáfora, ela [a nebulosa] é uma figura de linguagem, e não é, portanto, propriamente um método [...] É a imagem de um pensamento que se move e, ao mesmo tempo, um movimento do próprio pensamento como ideação movente [...] É um modo de pensar que pergunta sobre o próprio ato de conhecer as operações que lhe são inerentes, a começar pelo que se mobiliza como objeto de estudo e que parece impor-se como memória e exigir alguma escuta (Pereira, 2018, p. 252).

Essa amplitude e diversidade dos estudos históricos na área da arquitetura e do urbanismo nas últimas décadas é de tal ordem que poderíamos imaginar várias nuvens de pesquisadores, professores, instituições com orientações teóricas específicas, formando configurações gasosas e moventes. Pareceria que estamos diante de uma série de nebulosas, entendendo-se o termo nebulosas menos em seu sentido corrente de algo pouco claro (embora não deixe de sê-lo) do que no sentido arcaico de nebulae – nuvens ou conjunto de nuvens que se articulam ou entrechocam (Pereira, 2014, p. 202).

ORQUESTRAÇÕES

Nos deslocamentos da pesquisa da “Cronologia” para o Primeiro Congresso de Urbanismo (1941), é interessante perceber que as discussões levantadas nesse contexto estavam relacionadas ao que vinha sendo pensado no Brasil e no exterior anos antes. Eventos como os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs) - com destaque ao CIAM IV (1933) que irá explanar a “cidade funcional” e se desdobrar na Carta de Atenas (1941) -; a I Semana de Urbanismo em Salvador (1935); a Reforma Pereira Passos no Rio de Janeiro (1902-1906); a publicação e execução do Plano Agache (1930), foram configurando o paradigma referente ao urbanismo, retomado nos registros sobre o Congresso.

Para tatear um caminho de pesquisa, uma orquestração se faz necessária, em um movimento de aproximação e distanciamento, investigando com mais detalhamento o próprio Congresso em si, para depois (e muitas vezes em concomitância) estabelecer um afastamento e conseguir desenhar suas relações ao nebular⁶. Entre os documentos primários acessados, em partes fragmentadas dos Anais do Congresso pudemos ter contato com alguns debates, reflexões e direcionamentos acerca do que se pensava sobre o Urbanismo na época.

“Sexualidade e Urbanismo”, do Dr. José de Albuquerque; “Higiene Mental e suas ligações com o Urbanismo”, do Dr. Plínio Olinto; “O Urbanismo e a Creança (sic.)” da escritora Raquel Prado; “O problema das favelas no Rio de Janeiro”, tese escrita por Dr. José Mariano Filho, Eng. Alberto Pires Amarante e Arq. Americo Campelo; são textos presentes nos Anais que evidenciam o caráter multidisciplinar com um viés higienista, moralizador e hegemônico.

IV Congreso Panamericano de Arquitectos. 1930

Lugar y fecha: Rio de Janeiro, Brasil. 19 al 29 de Junio de 1930.

Organizador: Comité Ejecutivo - Comité Permanente - Instituto Central de Arquitectos.

Temario

1. Regionalismo e internacionalismo en la Arquitectura contemporánea. Orientación espiritual de la Arquitectura en América.
2. La enseñanza de la Arquitectura.
3. Los rascacielos y sus conveniencias bajo los aspectos higiénicos, económicos, social y estético.
4. La solución económica del problema residencial.
5. Urbanismo y arquitectura paisajista.
6. Reglamentación profesional y propiedad artística del arquitecto.
7. La defensa del patrimonio artístico de las naciones americanas.
8. Organización de los concursos públicos y privados, nacionales e internacionales de Arquitectura y Urbanismo.
9. Cómo juzgar las tendencias de la Arquitectura moderna.
¿Decadencia o resurgimiento?
10. Parques escolares, universitarios, hospitalarios, deportivos y de diversiones.

Conclusiones:

El IV Congreso Panamericano de Arquitectos declara:

- I) Que las tendencias de la arquitectura moderna constituyen un notorio y valioso resurgimiento, expresión plástica inicial de un nuevo ciclo artístico.
- II) Que dicha tendencia es, y deberá continuar siendo, traducción artística paralela de un período de renovación de valores en varios órdenes de la cultura.
- III) Que aún reconociendo el carácter universal de esa transformación cultural y de su reflejo, no cabe desconocer la influencia del factor nacional y hasta del continental, en la expresión plástica de la arquitectura moderna, factor perfectamente compatible, por lo demás, con las tendencias y las normas de una común orientación.

IV PAN
CONG
ARC

RIO DE

Portada de la pu
Panameri
(Biblioteca Pa

O IV C
OS ARCH



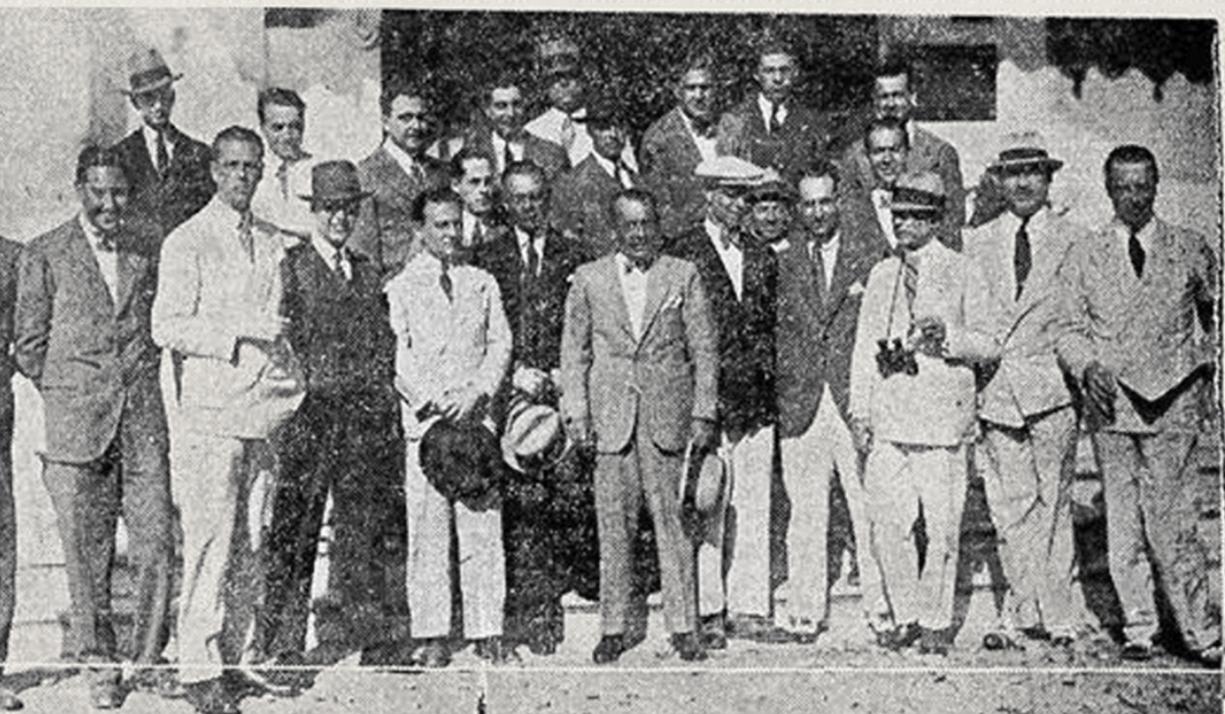
El IV Congreso Panamericano de Arquitectos

HEMOS recorrido una nueva etapa en el camino hacia la completa comunión de ideales de los arquitectos de América. Una vez más nos congregamos para buscar el mejoramiento profesional y para prestarnos el mutuo apoyo, en la resolución de los problemas sociales, técnicos y artísticos, que plantea el ejercicio de la Arquitectura en las jóvenes nacionalidades del Nuevo Mundo. Y otra vez más, también, hemos afirmado la fé en estos certámenes de la cultura, que si no tuvieran otro mérito — aparte de los muchos reconocidos — que el de producir el más íntimo acercamiento espiritual de los hombres que, guiados por idénticos anhelos practican la misma actividad intelectual, ya habrían sido esas reuniones, fructíferas en su resultado.

cepto idealista y un suplar las necesidades ge punto de mira profesional cuestiones de baja materialidad, excesos de sentimiento (acervo moral de lo que e

Los arquitectos demostro humano, que el peso de la Arquitectura, no es óbice a la mentalidad moderna, capaz de sugerir las mejores soluciones del momento fueren. Y han reafirmado de que constituyen una fuerza organizada en una vasta organización nacida de los Congresos Panamericanos, al igual de

CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ARCHITECTURA ARQUITECTOS APRECIARAM, HOJE, A' TARDE, A NOSSA CAPITAL, DE AVIÃO



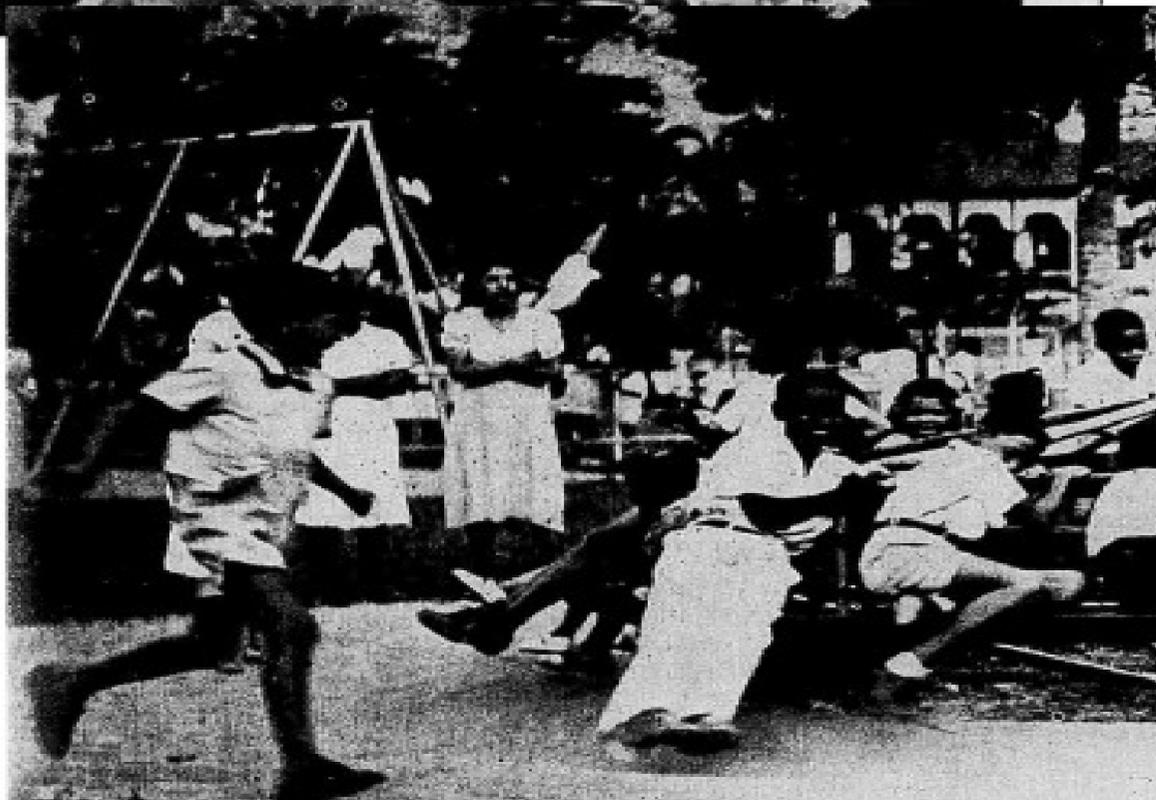
Los temas que rozaban tal tópico, que desde luego, produjeron la discusión más cálida — aunque siempre gentil — tuvieron útiles soluciones y sirvieron para demostrar que la Arquitectura sigue

rior, e para lo a la di resenta l pecta a rbanas, s de vivi ilitados del proy somos a ploma a necesidad como fue do su af mañana. nuestros

nuevo p do desde esta atel, en lo el nuev onviene poder pre la atene oy, la gr organice la futura reunión Comité Ejecutivo de los nos de Arquitectos, que h tivas que formule aquel

A CIDADE E SUA

O professor Alfred Agache, o urbanista universalmente conhecido e reconhecido, há muito ligado ao Brasil, de onde estudou os principais centros urbanos, tomou parte no Congresso de Urbanismo que teve lugar na Capital Federal. Tendo a "Revista da Semana" resolvido imprimir uma edição especial consagrada a essa nova ciência, nós pedimos ao eminente Professor a fineza de nos honrar com uma página de colaboração e, muito gentilmente, nos foram enviadas as linhas que se seguem:



ORQUESTRAÇÃO

A CRIANÇA E AS GRANDES CIDADES

Por OSCAR CLARK

(Professor de Clínica Médica, higienista, membro da Academia Nacional de Medicina)

A Criança é a vítima n.º 1 das grandes Cidades. A mortalidade infantil nas metrópoles opulentas é algo de trágico. O século XX assistiu ao despertar da consciência humana a respeito das crianças. Em todos os povos os animais irracionais sempre mereceram maiores carinhos, por parte dos homens, do que as crianças. No Brasil, por exemplo, temos belas fazendas onde se apuram espécimes raciais, mas não possuímos coisa semelhante em relação aos animalzinhos humanos. Na América do Norte, ainda depois do meado do século XIX, não existia nenhuma sociedade de proteção à infância. Em certa parte daquele país existia uma menina chamada Maria Helena, que era torturada pelos pais adotivos. Na mesma casa morava uma senhora que, condoída da pobrezinha, propoz à Sociedade Protetora dos Animais — que a emparsasse, visto ser a menina, também, um animal... Esse foi a origem da campanha em prol da criança, nos Estados Unidos.

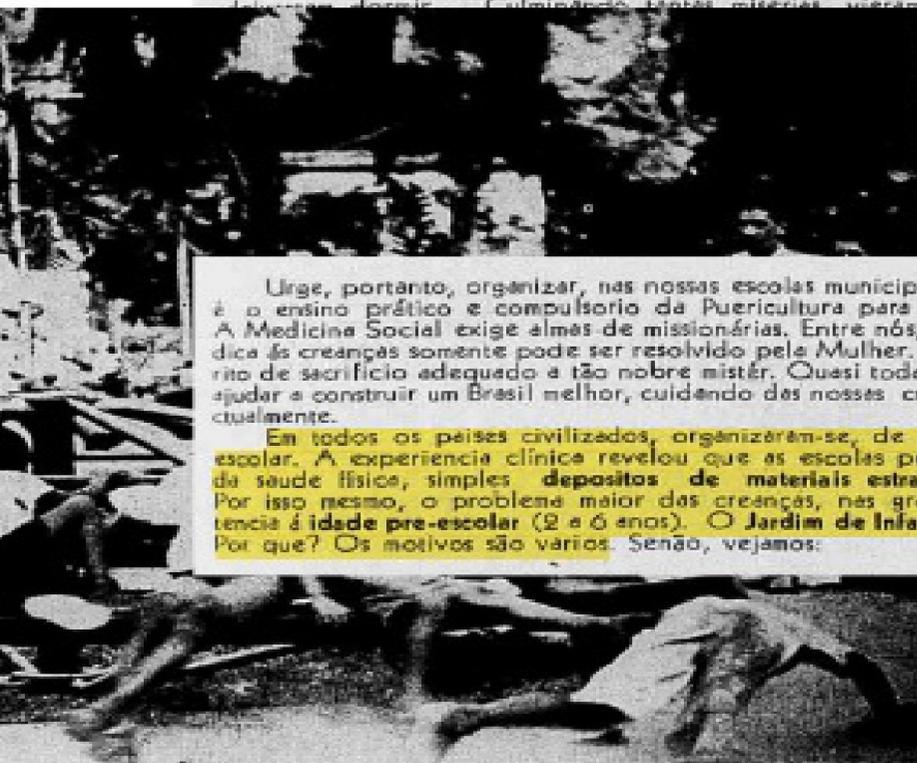
A alta mortalidade infantil, nas aglomerações urbanas, é uma das muitas consequências da intensiva industrialização do Mundo. Despovoaram-se os campos e multiplicaram-se as populações urbanas, com todos os malefícios que daí decorrem. A Moral, a Higiene, a Tradição sofreram, terrivelmente, com essa mudança. Perturbou-se o misterio da vida recatada das camponesas, multiplicaram-se as ocasiões de perigo para a alma e de dano para o físico. A ausência de legislação social fazia que os "capitães das indústrias" preferissem, em suas fábricas, mulheres e crianças — por se contentarem com pouco e nada exigirem...

A situação das crianças, nos séculos XVIII e XIX, é uma página negra da história da Humanidade. Elas foram exploradas, submetidas a esforços excessivos, em serviços danosos aos seus frágeis organismos. Entre as vozes humanitárias que então se levantaram em seu favor citamos Robert Owen, Lord Shaftesbury e Charles Dickens. As mães, que trabalhavam todo o dia nas fábricas, à noite, cansadas, davam opio aos filhos, para que as deixassem dormir... Culminando tantas misérias vieram as guerras napoleônicas. Um

postos sobre bebidas alcoólicas, haviam homens e mulheres, diminuindo as epidemias. Durante o século XIX, tais prepararam o ambiente para Inglaterra mostrou que a queda deste século, é fruto das campanhas e higienistas. O problema começaram a organizar-se os comitês de 33%. A educação não dos benefícios da escola a melhoria.

Urge, portanto, organizar, nas nossas escolas municipais, os cursos para mães — isto é o ensino prático e compulsório da Puericultura para as alunas das últimas classes. A Medicina Social exige almas de missionárias. Entre nós, o problema da assistência médica às crianças somente pode ser resolvido pela Mulher. A Mulher, ela só, tem o espírito de sacrifício adequado a tão nobre mistério. Quasi todas as moças brasileiras poderiam ajudar a construir um Brasil melhor, cuidando das nossas crianças, física, moral e intelectualmente.

Em todos os países civilizados, organizaram-se, de há muito, serviços de higiene escolar. A experiência clínica revelou que as escolas públicas são, do ponto de vista da saúde física, simples depósitos de materiais estragados (Sir Leslie Mackenzie). Por isso mesmo, o problema maior das crianças, nas grandes cidades, reside na assistência à idade pre-escolar (2 e 6 anos). O Jardim de Infância — eis a questão a resolver. Por que? Os motivos são vários. Senão, vejamos:



Nas últimas décadas, o crescimento vertiginoso das populações das cidades, a rápida evolução das ciências (sic.) e as diferentes atividades industriais, com a complexidade dos fatores que põem em jogo, deram um impulso extraordinário (sic.) às cidades, cujo desenvolvimento, escapando a todas as providências normais, apresenta problemas de tal magnitude, que se torna necessário (sic.) sair da inércia (sic.) e da apatia para buscar soluções que evitem males irremediáveis (sic.).

[...]

Um dos maiores obstáculos a vencer é a tenaz indolência (sic.) e incredulidade dos que se opõem ao urbanismo. A nossa antiquada legislação precisa ser revista [...] para que os erros do passado, as necessidades presentes e as previsões para o futuro, possam ser contemplados com atenção necessária (sic.), afim de que fique garantido o bem estar das gerações vindouras, bem como o benefício econômico dos cofres públicos. (Oliveira, 1948, p.11)

Etiologia do fenômeno urbanístico da Favelas

Muitas são as razões de ordem geral e particular que justificam a formação de núcleos (sic.) marginais de habitações espúrias (sic.) [...] Mencionaremos apenas os mais relevantes:

a) PAUPERISMO. - *A pobreza tem sido apontada como sendo o motivo principal da formação e expansão dos núcleos (sic.) de habitações espúrias (sic.) nos países sul-americanos. [...] é preciso não dar demasiado valor ao pauperismo. [...] Os indivíduos (sic.) que se habitam à vida das Favelas, perdem o estímulo (sic.) para o trabalho, trocam a ferramenta pelo pandeiro, aumentando dest' arte (sic.) o número de desocupados.*

[...]

c) TENDÊNCIA DO ELEMENTO NEGRO AO ISOLAMENTO DO MEIO SOCIAL BRANCO - *O elemento étnico predominante na formação das favelas é o negro, ao qual se aliam por conveniência (sic.) própria, outros elementos alienígenas (sic.). A tendência (sic.) do elemento negro ao isolamento da civilização do branco, a qual não se querem submeter, é fato de observação corrente nas Repúblicas Sul-Americanas. Entre nós, ela se manifesta de modo ostensivo, em virtude da falta de medidas coercitivas. Voltando à expressão rural, ele satisfaz violentos impulsos do sub-consciente (sic.). O retorno à vida primária (sic.) permite aos negros a satisfação de suas tendências (sic.) raciais, as práticas feiticistas (sic.) as dansas (sic.), as macumbas, etc. As Favelas do Rio de Janeiro, como os Mocambos do Recife, são puras sobrevivências (sic.) africanas, como foram os Quilombos dos Palmares no século XVII. (Filho; Amarante; Campelo, 1948, p. 251)*

A mobilização destes fragmentos nos faz compreender que a busca por arquivos, principalmente de fontes primárias, muitas vezes se converte a desvios fundamentais para o processo da pesquisa, possibilitando uma leitura crítica acerca tanto do fato histórico investigado quanto dos seus desdobramentos. Iniciar uma aproximação ao Primeiro Congresso de Urbanismo no Brasil, a partir de

uma orquestração de teses de outros campos disciplinares, nos permite entender a circulação do pensamento urbanístico que se desenhava à época.

Trabalhar nos desvios, nos fragmentos e nas relações nos faz encontrar outros documentos de interesse à pesquisa e, na configuração de uma grande nebulosa, nos aproximar, por exemplo, da publicação de “A Revista de Semana - Numero (sic.) especial de Urbanismo” que contou com sua edição voltada para a realização do Congresso. Este processo ajuda a imaginar, a partir dos choques entre documentos primários e fontes diversas, por vezes anacrônicos, a forma de pensar, fazer e narrar de tempos distintos, colocando em fricção imagens e discursos que ressaltam o debate ideológico, técnico, moral e cultural pautado no Congresso em questão.

ACASOS

Como um jogo do acaso, retornar aos documentos que compõem todos estes arquivos em trabalho nas nossas pesquisas, não é um retorno aos mesmos arquivos, muito menos um retorno a um mesmo arquivo. A experiência, seja do espaço urbano, da teoria, da história ou de todos estes vinculados, seria a responsável por dissolver a noção de arquivo enquanto documento estático, parado no tempo. Seria ela a diluir suas condições enquanto imagem de evidência da história, no momento em que permite sua sobreposição ou reinserção em outras cadeias / movimentações do pensamento. Por estas vias, cabe ao pesquisador um papel que relembra Walter Benjamin através da figura do colecionador:

[O colecionador] assume o papel de transfigurador das coisas. Recai-lhe a tarefa de Sísifo de, pela sua posse, retirar das coisas o seu caráter de mercadoria. O colecionador sonha não só em estar num mundo longínquo ou pretérito, mas também num mundo melhor, em que os homens estejam tão despojados daquilo que necessitam quanto no cotidiano, estando as coisas, contudo, liberadas da obrigação de serem úteis ([1939] 2006, p. 38, grifos nossos).

O arquivo enquanto experiência coloca em prática a aceitação da fragilidade da memória e, logo, das teorias sobre as quais se apoiam os estudiosos que direcionam atenção ao “passado”. Acolhe sua vulnerabilidade no momento em que a dimensão do arquivamento é colocada em xeque em detrimento do “colecionamento contínuo de um conjunto de fragmentos” (Barbosa; Bechler, 2022, p. 35) que falam por si, mas, sobretudo, entre si.

Imaginar rotas possíveis para esse grande arquivo da “Cronologia do Pensamento Urbanístico”, ideia aparentemente contraditória para quem se propõe ao acaso, trata-se do exercício contínuo de olhar criticamente para a pesquisa a fim de perceber, a partir de nossa coleção de problemas, quais são as questões do pre-

sente que sobrevivem do passado e que nos permitem prospectar futuros possíveis. Após desmontar este complexo brinquedo científico (da “Cronologia”)⁷ e perceber, nos cacos, suas potências, fragilidades e também as sobrevivências dentre o acúmulo de peças que o compõe, imaginar quais serão as questões a movimentar a pesquisa. Imaginar, por exemplo, um espaço virtual cujas dimensões ultrapassam o bidimensional e, desta forma, ampliar e explodir nossa atual representação gráfica de nebulosa. Ou uma espécie de globo em movimento, sobreposto à tabela geográfica - agora repensada a partir de sua estrutura⁸ - e às nebulosas, relacionando fatos relevantes, eventos, projetos, publicações, biografias e outras nebulosas do pensamento urbanístico, subvertendo qualquer noção de leitura da história a partir de um percurso linear e localizado.



IMAGINAÇÕES

Enquanto batem alguns sinos em terras distantes, os homens recolhem das ruas os seus pertences e se encaminham para mais uma noite de sono, a cidade sonha. Tão logo seus homens repousam, a cidade sonha e os seus outros corpos ganham vida – corpos celestes, dissidentes, imateriais, nebulosos. Formas de vida pairam sobre o arquivo que é ser cidade-montante. Montante⁹ como a dos rios, que em um movimento contínuo, carrega os fluidos do presente às suas moradas de outrora. Neste encontro, a cidade rememora e o arquivo, se desorienta.

O desejo a ele se torna intrínseco assim que, desatada a dicotomia luz e sombra, se torna possível vislumbrar as formas anômalas que ora se delineiam, ora perdem forma sobre a massa do escuro. Quando a cidade, desfeita de seus pactos diurnos, se torna em sonho o arquivo do inconsciente, nele submergem resíduos de cidades desaparecidas, desperdiçadas, oriundas de desejos impuros, amorais e inconfessáveis do sujeito urbano que só se tornam visíveis durante a vigília.

*A mnemia*¹⁰, encarregada da direção da cena, submete o indivíduo a uma sequência de imagens do pensamento, num lugar desprovido de tempo e numa cidade despida de fronteiras físicas, morais, fictícias, imaginadas.

Faceira, a cidade que produz as centelhas desviantes é a mesma que as impede assim que passa a alvorada. A cidade, que ouve também o silêncio, nunca se recolhe, mas descansa e quase para quando a lua, minguante no céu, a balança em seus braços. No estalo imaginativo que é o despertar, a cidade não dorme – sonha acordada. <



Figura 1. ABASTOS. Mnemia aguda.
Acrílica s/ tela. 40x40cm. 2022.

¹ A indissociável relação entre as nossas reflexões teóricas sobre as formas de pensar, fazer e narrar a história e as múltiplas experiências de leitura que o site da Cronologia nos possibilita, é melhor discutida no texto “Narrar por Relações III: uma navegação errante entre nebulosas” (Barreto; Freire; Izeli, 2020) do livro “Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo III – modos de narrar”.

² Em referência ao pensar e fazer por “nebulosas”, em que a professora Margareth da Silva Pereira afirma ser um processo de condensação de acontecimentos, ideias e saberes para, no adensamento e choque de nuvens, fazer chover.

³ Título de sua publicação, “Os ossos do mundo” (Flávio de Carvalho, 1936), um livro de viagem e de relatos de uma coleção de ossos e “resíduos do [velho] mundo”, do pensamento em movimento que “se transforma em história” (Carvalho, 2014, p. 30) ou, como nos diz Paola Berenstein Jacques (2021, p. 435), uma “montagem de suas notas de viagem”.

⁴ Oito anos antes do início dos famosos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs), formados majoritariamente por arquitetos europeus e conhecidos, principalmente, através da figura de Le Corbusier (Suíça, 1887 - França, 1965), em 1920 aconteceu o I Congresso Pan-americano de Arquitetos, em Montevideu, Uruguai, fundado pela Sociedade Central de Arquitetos (1914). A partir desta primeira, outras edições aconteceram respectivamente em 1923 (II - Santiago, Chile), 1927 (III - Buenos Aires, Argentina), 1930 (IV - Rio de Janeiro, Brasil), 1940 (V - Mon-

tevideu, Uruguai), 1947 (VI - Lima e Cuzco, Perú) ... e ainda acontecem.

⁵ Mais em: “O problema das Américas” (Vieira; Novo, 2022), na aba Leituras do site da Cronologia do Pensamento Urbanístico, e no verbete do “IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, 1930, Rio de Janeiro”.

⁶ Referente ao processo de elaborar uma “nebulosa” da pesquisa.

⁷ Sobre a ideia da pesquisa da Cronologia e do seu site como um brinque-do científico, ver o texto “Narrar por Relações II: aventuras através de histórias da Cronologia do Pensamento Urbanístico” (Belitardo; Queiroz; Souza, 2020)

⁸ Repensando a posição do Brasil na América (ainda hoje o Brasil ocupa uma faixa fora da América Latina no site) e os debates historiográficos sobre as cidades modernas americanas e as transformações urbanas e geopolíticas das Américas.

⁹ Na geografia física, montante é a área do rio mais próxima a sua nascente. Enquanto a jusante diz respeito à região da foz, para a qual se dirige o fluxo de água, a montante diria sobre o movimento inverso, em contracorrente, partindo da desembocadura em direção à origem das águas.

¹⁰ Ao contrário da anamnese, a mnemnia seria a capacidade de memorizar ou guardar por muito tempo uma informação, nos aproximando de um re-memoriar excessivo, acumulado, caótico, arquivístico.

- /
- BARBOSA, E.; BECHLER, J. Arquivo. In: JACQUES, P. B.; ALMEIDA JR, D. L.; QUEIROZ, I. G.; IZELI, R. L. (Org.). Laboratório Urbano: pequeno léxico teórico-metodológico. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 30-37.
- BARRETO, D. S.; FREIRE, A. L.; IZELI, R. L. Narrar por Relações III: uma navegação errante entre nebulosas. In: JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S.; CERASOLI, J. F. (Org.). Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo III – modos de narrar. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 342-365.
- BELITARDO, A. S.; QUEIROZ, I. G.; SOUZA, L. V. Narrar por Relações II: aventuras através de histórias da Cronologia do Pensamento Urbanístico. In: JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S.; CERASOLI, J. F. (Org.). Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo III – modos de narrar. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 190-221.
- BENJAMIN, W. Paris, capital do século XIX. Exposé de 1939. In: BENJAMIN, W.; BOLLI, W. (Org.). Passagens. Tradução: Cleonice Mourão e Patrícia Camargo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 53-63.
- CARVALHO, F. Os ossos do mundo. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, G. REINA SOFIA, Museo. ATLAS. Entrevista con Georges Didi-Huberman. YouTube, 21 de dezembro de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WwVMni3b2Zo>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2023.
- DIDI-HUBERMAN, G. Diante do tempo: história da arte e anacronismos das imagens. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- ESTAMIRA. Direção de Marcos Prado. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Rio de Janeiro: ZAZEN PRODUÇÕES, 2006. 1 disco (115 min), DVD, son., color. e p&b.
- FILHO, J. M.; AMARANTE, A. P.; CAMPELO, A. O problema das favelas no Rio de Janeiro. In: Congresso Brasileiro de Urbanismo, 1. 1948, Rio de Janeiro. Anais...Rio de Janeiro: O Globo, 1948. p. 249-254.
- FLUSSER, V. A consumidora consumida. Comentário, Rio de Janeiro, v. 13, n. 51, p. 35-46, 1972
- JACQUES, P. B. Fantasmas modernos: montagem de uma outra herança. v. 1. Salvador: EDUFBA, 2020.
- JACQUES, P. B. Pensamentos selvagens: montagem de uma outra herança. v. 2. Salvador: EDUFBA, 2021.
- NOVO, L. F. Flávio de Carvalho e o homem americano, nu na cidade. In: SEMINÁRIO URBANISMOS E URBANISTAS NO BRASIL, 5., 2022, São Paulo. Anais... São Paulo: UNIFESP, 2022. p. 39-53. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/65720/Anais_SUUB_2022.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso em: 12 set. 2023

OLIVEIRA, F. B. Prefácio. In: Congresso Brasileiro de Urbanismo, 1. 1948, Rio de Janeiro. Anais...Rio de Janeiro: O Globo, 1948. p. 11.

PEREIRA, M. S. O lugar contingente da história e da memória na apreensão da cidade – O historiador, o estrangeiro e as nuvens. Redobra, Salvador, n. 12, dez. 2013.

PEREIRA, M. S. O rumor das narrativas: A história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico - Notas para uma avaliação. Redobra, Salvador, n. 13, dez. 2014.

PEREIRA, M. S. Pensar por nebulosas. In: PEREIRA, M. S.; JACQUES, P. B. (Org.). Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 236-261.

RELATÓRIO dos sucessos mais importantes verificados no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado da Bahia pelo delegado baiano Eng. Civil Jayme Cunha da Gama e Abreu. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1930.

REVISTA DA SEMANA: edição especial de urbanismo. Rio de Janeiro, 1941.

SPRICIGO, V. P. Rumo a uma arqueologia das exposições. In: CYPRIANO, F. ; OLIVEIRA, M. M. (Org.). História das exposições: casos exemplares. São Paulo: EDUC, 2015. p. 52-66.

TOLEDO J. Flávio de Carvalho, o comedor de emoções. Campinas: Editora

da UNICAMP, 1994.

Platôs, Capitalismo e esquizofrenia vol.5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed 34.1997.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufirj | n. 32. 2016

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**, São Paulo: Paulinas, 2012.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização. In: **Cultura e subjetividade. Saberes Nômades**. Org. Daniel Lins. Papirus. Campinas. 1997

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Mórula Editora. Rio de Janeiro, RJ. 2020.

SALOMÃO, Ricardo Dantas Borges. **Etnicidade, territorialidade e ritual entre os Tuxá de Rodelas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

** As colagens contidas neste texto são compostas por recortes de jornais e atas do IV CPA (1930, RJ) e da “A Revista da Semana” (1941), respectivamente. Montagens dos próprios autores*

PARA CITAR:
BASTOS, N.; DOMÍNGUEZ, J.; VIEIRA, L.; IZELI, R.
Entre os acúmulos da história: Cronologia do Pensamento
Urbanístico. *Redobra*, n.17, ano 8, p. 255-271, 2023.